Entre a Polônia e o Brasil

Histórias de família

Uma longa jornada de volta às origens

Família Przybycień

Relato de Fernando Chacorowski Junior

Minha ligação com a Polônia nasce das raízes de meus antepassados paternos e maternos. Este relato, contudo, é dedicado à família materna, cuja imigração em 1929 moldou nossa identidade. A trajetória dos Przybycień explica por que, décadas mais tarde, dedico-me a resgatar o idioma e a preservar os laços entre os parentes que se estabeleceram no Brasil e aqueles que permaneceram na terra natal.

Na infância, eu tinha o hábito de colecionar chaveiros. Ao encontrar uma medalha que parecia bronze entre os pertences de minha mãe, não hesitei em prender-lhe uma correntinha para adaptá-la à coleção. Polida com cuidado para manter o brilho, exibindo a imponência de sua águia de asas abertas em alto-relevo, ela logo se tornou a peça mais valiosa do meu acervo. Na época eu não compreendia o significado das palavras cunhadas em sua superfície, exceto por uma que ficou gravada na memória: *"Polska"*. Anos depois, compreendi que aquele "chaveiro" improvisado guardava, na verdade, uma parte da história do meu avô materno, Józef Przybycień.

Nascido em 13 de outubro de 1907 na aldeia de Kłonica, região de Lublin, Józef era o oitavo dos dez filhos de Stanisław e Marianna. Órfão de pai aos 22 anos, decidiu cruzar o Atlântico sozinho em busca de um novo começo. Após desembarcar no Rio de Janeiro, em 1930, seguiu viagem para Curitiba, cidade que se tornaria seu novo lar.



Arquivo da Família: 1. Józef Przybycień (1925); 2. Passaporte de Józef Przybycień (1929)

Na capital paranaense, Józef conheceu Agrypina Łukaszuk, minha avó materna. Nascida em 16 de junho de 1908, numa aldeia chamada Równo, na voivodia de Wołyn, hoje na Ucrânia, Agrypina vira sua família ser abalada pelos horrores da Primeira Guerra Mundial. Determinados a recomeçar, Agrypina e seus pais, Onufry e Ewdokja, viajaram de trem até Gdynia. De lá, seguiram para a Holanda e embarcaram no vapor *USS Zeelândia* rumo ao Rio de Janeiro, onde desembarcaram em 15 de julho de 1929.



Arquivo da Família: Passaporte de Agrypina Łukaszuk (1929)

Após a quarentena na Ilha das Flores, fixaram residência em Curitiba em 1º de agosto. O irmão de Agrypina, Jan, permaneceu na Polônia por estar em idade militar. O reencontro entre eles só ocorreria 53 anos depois.

Agrypina e Józef se casaram em 1930 e construíram uma família com seis filhos: Eugênio, Thadeu, Ceslava, Eduardo, Henrique e Regina. Minha mãe, Ceslava, tinha apenas cinco anos quando o pai alistou-se como voluntário para combater na Segunda Guerra Mundial, pelas forças polonesas sob comando britânico.



Arquivo da Família – sentados: Ewdokja e Onufry Łukaszcuk; em pé: Família Przybycień - Agrypina (com Ceslava no colo) e Józef.
As crianças: à esquerda Eugênio e à direita Thadeu – Curitiba (1938).

A família vivia em uma chácara modesta, com horta e criação de animais, inserida em uma comunidade de imigrantes onde ucranianos, italianos e japoneses conviviam harmoniosamente. Dentro de casa, o polonês era a língua viva. No entanto, com as políticas de nacionalização da Era Vargas, que impunham o uso exclusivo do português e reprimiam manifestações culturais estrangeiras, o cotidiano mudou. Somado ao preconceito da época contra os imigrantes, o cenário levou os filhos de Józef e Agrypina a abandonarem gradualmente o idioma materno para se integrarem como brasileiros.



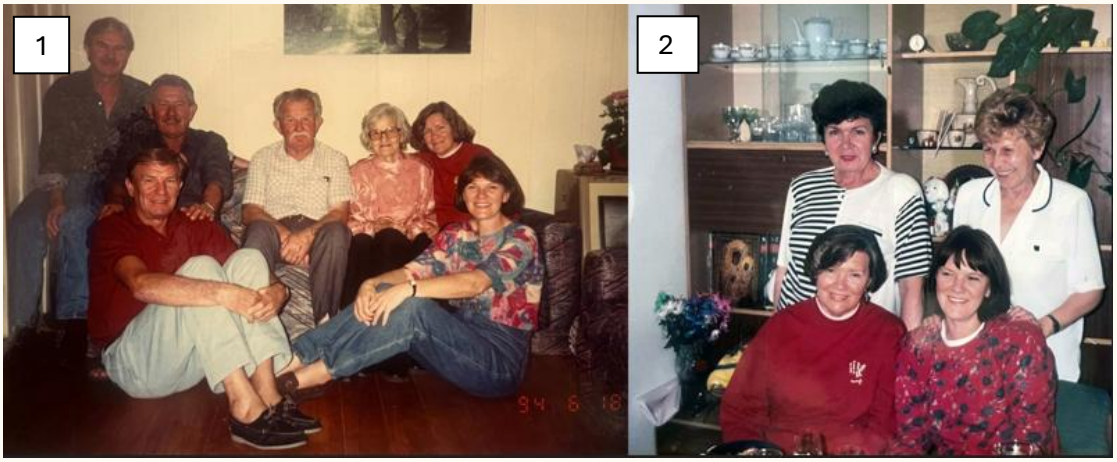
Arquivo da Família - 1. Os Przybycień: Agrypina, Henrique, Eugênio, Thadeu, Eduardo e Ceslava (1945)
2. Regina (1953)

Em 1º de setembro de 1962, Ceslava casou-se com Fernando Chacorowski, descendente de poloneses chegados ao Brasil no século XIX. Dessa união nascemos Sandra, eu e Luciana.

Meu avô Józef faleceu no final de 1971, quando eu tinha cinco anos, deixando poucas lembranças em minha memória. Em contrapartida, minha avó Agrypina, carinhosamente chamada de Dona Ana, permaneceu como o grande eixo afetivo da família. Seu aniversário transformou-se no marco anual que reunia filhos, noras, genro, netos, bisnetos e amigos na inesquecível "casa da Dona Ana".

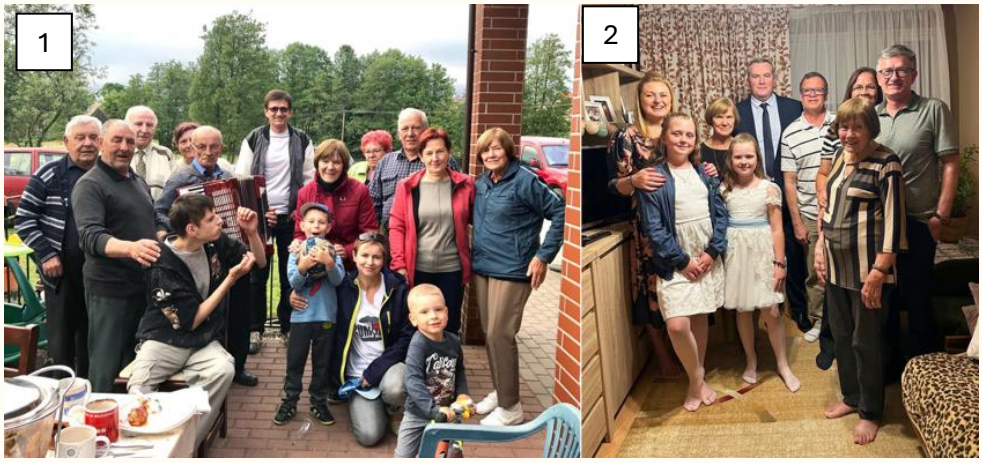
Apesar do silenciamento cultural, a memória da Polônia nunca se apagou totalmente. Ao longo da vida no Brasil, Józef se correspondia com o irmão Bolesław e minha mãe trocava cartas com as primas Wanda e Grażyna de Varsóvia, as filhas de Jan, contando com a ajuda de Dona Ana nas traduções.

Um novo capítulo se abriu em 1982, quando Jan veio ao Brasil rever a irmã depois de mais de meio século de separação. O reencontro histórico não apenas uniu novamente os ramos da família, mas também acendeu em minha tia Regina o desejo de resgatar suas origens. Regina estudou polonês na UFPR, viajou à Polônia pela primeira vez em 1990 e conheceu as famílias materna e paterna. Mais tarde, ajudou a estruturar o curso de graduação em língua e cultura polonesa na universidade, tornando-se uma referência na preservação dessa herança.



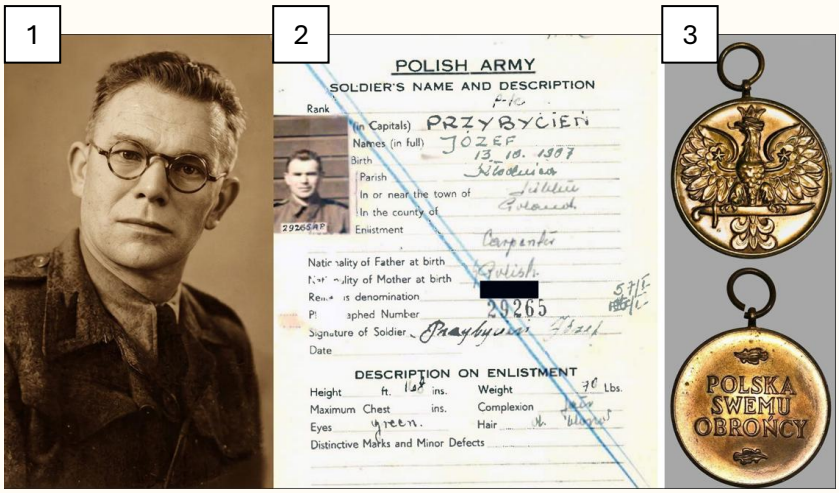
Arquivo da Família – 1. Dona Ana e seus filhos (1994);
2. Ceslava e Regina em Varsóvia com as primas Wanda e Grażyna (1997)

Dona Ana nos deixou em 1996. A família já não se reúne como antes, mas os vínculos com a Polônia se fortaleceram. Estimulada por Regina, minha mãe também estudou o idioma e visitou a Polônia em 1997, retornando em outras quatro ocasiões para rever parentes em Varsóvia, Lublin, Poznań e Gdańsk. Entre os seis irmãos, apenas Ceslava e Regina resgataram a fluência na língua dos pais.



Arquivo Família – 1. Eu e Regina ao centro e Ceslava à direita com familiares em Gdańsk (2017); 2. Do lado direito, eu e minha mãe Ceslava, os primos Milene e Carlos Eduardo (RJ). Regina ao centro com os primos de Lublin (2024)

Seguindo os passos da família, também decidi aprender polonês. Estive na Polônia três vezes, conheci os descendentes dos Łukaszuk e dos Przybycień e descobri a alegria de estar próximo de parentes que vivem tão longe. Quero falar bem o idioma para manter essa união viva entre o Brasil e a Polônia.



Arquivo Família - 1. Józef Przybycień; 2. Headquarters Military Secretary Disclosures 5 (Polish), MP527 – Registro de Serviço Militar; 3. Condecoração Exército Polonês (1945).

Hoje, olhando para trás, percebo que aquela medalha que virou chaveiro despertou em mim, ainda criança, a curiosidade sobre de onde eu vinha e a vontade de conhecer a história da minha família. A frase gravada no metal, que na época era um enigma para mim, finalmente se revelou: *"Polska Swemu Obrońcy"* — "A Polônia ao seu defensor". Mais do que uma condecoração do meu avô, ela virou o ponto de partida para eu descobrir minhas origens e não deixar nossa memória se apagar.

Fernando Chacorowski Junior – fernandochjr@gmail.com

Realização: CASA DA CULTURA POLÔNIA BRASIL

Financiamento: Senat – Polonia 2026

Apoio: KUL